

COLLEEN HOOVER



DA MESMA AUTORA DE *ISTO ACABA AQUI*

Verity



TOP
SEL
LER

AGORA ADAPTADO AO CINEMA

*Este livro é dedicado à única pessoa
a quem podia ser dedicado:
Tarryn Fischer,
obrigada por aceites o lado negro das pessoas,
tanto quanto aceites a sua luz.*

1

Ouço o estalar do crânio antes de ser atingida pelo jorro de sangue.

Sustenho a respiração e recuo um passo até ao passeio. Um dos meus calcanhares tropeça na berma e seguro-me a um sinal de «Proibido Estacionar» para me equilibrar.

O homem estava à minha frente segundos antes.

Éramos um magote de pessoas, à espera de que a luz verde abrisse para os peões, quando ele começou a atravessar antes de tempo e foi atropelado por um camião. Lancei-me para a frente, para tentar travá-lo — sustendo a respiração quando o homem caiu. Fechei os olhos antes de a cabeça dele ficar debaixo da roda, mas ouvi-a estalar como a rolha de uma garrafa de champanhe.

A culpa foi dele, que olhava de modo descontraído para o telemóvel — provavelmente um efeito de ter atravessado aquela mesma estrada muitas vezes, sem incidentes. *Morto pela rotina.*

As pessoas arquejam, mas não há gritos. O condutor do veículo envolvido salta do camião e ajoelha-se imediatamente junto do corpo do homem. Afasto-me da cena ao mesmo tempo que muitas pessoas avançam para ajudar. Não preciso de ver o homem debaixo do pneu para saber que não sobreviveu. Basta-me baixar os olhos para a minha camisa outrora branca — para os salpicos

de sangue que agora a tingem —, para saber que um carro fune-
rário seria mais útil do que uma ambulância.

Viro-me para me afastar do acidente — procurando um sítio onde possa respirar —, mas o sinal está agora verde para os peões e a multidão avança, impossibilitando-me de subir este rio de Manhattan. Alguns nem tiram os olhos dos telemóveis ao passar ao lado do acidente. Desisto de tentar mexer-me e aguardo que a multidão diminua. Olho para trás, na direção do acidente, com o cuidado de não olhar diretamente para o homem. O condutor do camião está agora atrás do veículo, de olhos arregalados, a falar ao telemóvel. Três, talvez quatro pessoas, juntaram-se para ajudar. Outras, levadas por uma curiosidade mórbida, filmam o cenário de horror com os telemóveis.

Se eu ainda vivesse na Virgínia, isto desenrolar-se-ia de uma maneira completamente diferente. Toda a gente em redor haveria de parar. Seguir-se-ia o pânico, as pessoas gritariam, uma equipa de televisão chegaria ao local em poucos minutos. Mas aqui, em Manhattan, um transeunte atropelado por um veículo acontece com tanta frequência, que é pouco mais do que um inconveniente. Um atraso no trânsito para alguns, um *guarda-roupa arruinado* para outros. Provavelmente, é tão comum que nem chega aos jornais.

Por muito que esta indiferença de algumas pessoas me perturbe, foi exatamente por isso que me mudei para esta cidade há dez anos. As pessoas como eu pertencem às cidades sobrepovoadas. O estado da minha vida é irrelevante num lugar com esta dimensão. Aqui há muitas pessoas com histórias bem mais lamentáveis do que a minha.

Aqui sou invisível. Sem importância. Manhattan tem demasiada gente para se ralar comigo, e é por isso que a adoro.

— Está ferida?

Ergo os olhos para um homem que me toca no braço e me examina a camisa. Tem uma expressão profundamente preocupada

ao olhar-me de alto a baixo, em busca de ferimentos. Posso dizer, pela sua reação, que não é um dos nova-iorquinos mais empedernidos. Pode viver aqui agora, mas, seja de onde for, é de um lugar que não lhe extraiu por completo a empatia.

— Está ferida? — repetiu o estranho, desta vez olhando-me nos olhos.

— Não. O sangue não é meu. Eu estava perto dele quando...
— Paro de falar. *Acabei de ver um homem morrer.* Estava tão perto dele, que estou coberta do seu sangue.

Mudei para esta cidade para ser invisível, mas não sou, certamente, impenetrável. É algo em que tenho trabalhado — tentar tornar-me tão empedernida como o cimento debaixo dos meus pés. Não tem resultado muito bem. Consigo sentir tudo o que acabei de testemunhar a alojar-se no meu estômago.

Tapo a boca com a mão, mas retiro-a imediatamente quando sinto algo pegajoso nos lábios. *Mais sangue.* Olho para a minha camisa. Tanto sangue, e nenhum é meu. Seguro a camisa com dois dedos e afasto-a do corpo, mas fica colada à pele nos pontos em que os salpicos de sangue começaram a secar.

Acho que preciso de água. Começo a sentir-me tonta e apetece-me esfregar a testa, assoar o nariz, mas tenho medo de me tocar. Olho para o homem que ainda me segura o braço.

— Também tenho na cara?

Ele cerra os lábios e afasta o olhar, perscrutando a rua à nossa volta. Aponta para um café algumas portas abaixo.

— Devem ter casa de banho — diz ele, pondo-me a mão no fundo das costas para me conduzir nessa direção.

Olho, do outro lado da rua, para o edifício da Pantem Press, para onde me dirigia antes do acidente. Estava tão perto. A quatro ou cinco metros de uma reunião a que precisava desesperadamente de ir.

Pergunto-me a que distância do *seu destino* se encontraria o homem que acabou de morrer.

O estranho abre a porta e segura-me quando chegamos ao café. Uma mulher com um café em cada mão tenta passar ao meu lado pela porta aberta, até que vê a minha camisa. Recua para se afastar de mim, permitindo que entremos os dois. Vou para a casa de banho das mulheres, mas a porta está trancada. O homem abre a porta da casa de banho dos homens e faz-me sinal para ir atrás dele.

Não fecha a porta antes de avançar para o lavatório e abrir a torneira. Vejo-me ao espelho, aliviada por não ser tão mau como eu esperava. Tenho alguns salpicos de sangue nas bochechas, que começam a escurecer e a secar, e um borriço por cima das sobrancelhas. Mas, felizmente, foi a camisa que apanhou a maior parte.

O homem dá-me toalhas de papel molhadas com as quais limpo a cara enquanto ele molha mais uma série delas. Sinto o cheiro a sangue. O odor intenso no ar faz a minha mente recuar até aos meus 10 anos. O cheiro a sangue foi bastante forte para me lembrar, tantos anos depois.

Tento sustentar a respiração quando sinto mais náuseas. Não quero vomitar. Mas quero tirar esta camisa. *Já.*

Desabotoo-a com dedos trémulos, dispo-a e ponho-a debaixo da torneira. Deixo a água fazer o seu trabalho enquanto recebo mais algumas toalhas de papel molhadas das mãos do estranho e começo a limpar o sangue do peito.

Ele dirige-se à porta, mas, em vez de me conceder privacidade enquanto eu ali estou, com o meu soutien menos atraente, tranca-a, para ninguém entrar. É perturbadoramente cavalheiresco e deixa-me desconfortável. Sinto-me tensa, vendo-o refletido no espelho.

Batem à porta.

— Já saio — diz ele.

Relaxo um pouco, reconfortada pela ideia de que está alguém do outro lado da porta que me ouvirá gritar, caso seja necessário.

Concentro-me no sangue até ter a certeza de que lavei tudo o que tinha no pescoço e no peito. Em seguida, inspeciono o cabelo, virando-me para a esquerda e para a direita ao espelho, mas encontro apenas dois centímetros e meio de raízes negras sob o caramelo a desvanecer-se.

— Tome — disse o homem, abrindo o último botão da sua camisa branca. — Vista isto.

Já tinha despido o casaco do fato, agora pendurado na maçaneta da porta. Despe também a camisa, revelando uma t-shirt interior branca. É musculado e mais alto do que eu. Vou ser engolida pela sua camisa. Não posso usar tal coisa na reunião, mas não tenho alternativa. Pego na camisa que ele me entrega. Seco a pele com mais toalhas de papel, depois visto-a e começo a abotoá-la. Pareço ridícula, mas pelo menos não foi o meu crânio que explodiu na camisa de outra pessoa. É preciso ver *o lado bom*.

Tiro a camisa molhada do lavatório e aceito que não tem salvação. Atiro-a para o cesto do lixo, depois agarro-me ao lavatório e observo o meu reflexo no espelho. Dois olhos vazios e cansados devolvem-me o olhar. O horror do que acabaram de testemunhar escureceu o tom de avelã para um castanho-escuro. Esfrego as bochechas com as costas das mãos para lhes dar cor, sem resultado. Pareço a morte.

Encosto-me à parede, virando as costas ao espelho. O homem está a tirar a gravata. Mete-a no bolso do casaco do fato e avalia-me por um momento.

— Não percebo se está calma ou em estado de choque.

Não estou em estado de choque, mas também não sei se estou calma.

— Também não sei — admito. — O senhor está bem?

— Estou — responde ele. — Já vi pior, infelizmente.

Inclino a cabeça, tentando dissecar as camadas da sua resposta críptica. Ele quebra o contacto visual, o que me faz fitá-lo de modo

mais intenso, perguntando-me o que terá visto que fosse pior do que a cabeça de um homem esmagada debaixo de um caminhão. Talvez ele *seja mesmo* um nova-iorquino nativo. Ou talvez trabalhe num hospital. Tem o ar de competência que normalmente acompanha as pessoas que se ocupam dos outros.

— É médico?

Ele abana a cabeça.

— Estou no ramo do imobiliário. Ou estava, pelo menos.
— Estende a mão para o meu ombro e sacode qualquer coisa da minha camisa. Da camisa *dele*. Depois, deixa descair o braço e olha-me o rosto por um momento, antes de dar um passo atrás.

Os olhos dele combinam com a gravata que acabou de guardar no bolso. *Chartreuse*. É bonito, mas algo nele faz-me pensar que desejaria não o ser. Quase como se a sua aparência pudesse ser-lhe inconveniente. Uma parte que não deseja que se note. Quer ser invisível nesta cidade. *Tal como eu*.

A maioria das pessoas vem para Nova Iorque para ser descoberta. Nós, os outros, vimos para nos escondermos.

— Como se chama? — pergunta ele.

— Lowen.

Ele faz uma pausa depois de eu dizer o meu nome, mas apenas por alguns segundos.

— Jeremy — diz ele. Aproxima-se do lavatório, torna a abrir a torneira e começa a lavar as mãos.

Continuo a fitá-lo, incapaz de calar a minha curiosidade. O que queria dizer com *já vi pior* do que o acidente que acabáramos de testemunhar? Disse que trabalhava no ramo imobiliário, mas mesmo o pior dia num emprego desses não encheria uma pessoa do tipo de tristeza que aquele homem mostrava.

— O que é que lhe aconteceu? — pergunto.

Ele olha-me através do espelho.

— Como assim?

— Disse que já viu pior. O que é que viu?

Ele fecha a torneira e enxuga as mãos, olhando-me.

— Quer mesmo saber?

Assinto com a cabeça.

Ele atira a toalha de papel para o caixote do lixo e enfia as mãos nos bolsos. A sua atitude torna-se ainda mais sorumbática. Olha-me nos olhos, mas há uma desconexão entre ele e este momento.

— Há cinco meses, tirei de um lago o corpo da minha filha de 8 anos.

Inspiro fundo e levo a mão ao fundo da garganta. *Não era tristeza o que havia na sua expressão. Era desespero.*

— Lamento muito — sussurro. E é verdade. Lamento pela filha dele. Lamento pela minha curiosidade.

— E você? — pergunta ele. Encosta-se à bancada, como se estivesse preparado para aquela conversa. Como se tivesse estado à espera dela. Que aparecesse alguém que fizesse as suas tragédias parecerem menos trágicas. É o que as pessoas fazem depois de viverem o pior do pior. Procuram pessoas semelhantes... pessoas que estejam pior do que elas... e usam-nas para se sentirem melhor em relação às coisas horríveis que lhes aconteceram.

Engulo em seco antes de falar, porque as minhas tragédias não são nada em comparação com a dele. Penso na mais recente, com alguma vergonha de lha contar, pois parece tão insignificante em comparação com a dele.

— A minha mãe morreu na semana passada.

Ele não reage à minha tragédia como eu reagi à dele. Não reage, de todo, e pergunto-me se será por estar à espera de que fosse pior. Não é. *Ele ganha.*

— Como é que ela morreu?

— De cancro. Cuidei dela no meu apartamento, no último ano. — É a primeira pessoa a quem conto isto em voz alta. Sinto

o pulso a latejar e seguro-o com a outra mão. — Hoje é a primeira vez, em semanas, que saio de casa.

Fitamo-nos por um momento mais longo. Quero dizer mais alguma coisa, mas nunca estive envolvida numa conversa tão intensa com um estranho. Tenho vontade de lhe pôr fim, porque... para onde é que esta conversa vai a partir daqui?

Não vai a lado nenhum. Termina.

Ele torna a ver-se ao espelho, ajeitando uma madeixa de cabelo negro.

— Tenho de ir a uma reunião. De certeza que fica bem? — Está a olhar o meu reflexo no espelho.

— Sim. Está tudo bem.

— *Tudo bem?* — Ele vira-se, repetindo as palavras como uma pergunta, como se «tudo bem» não lhe desse tantas garantias como se eu tivesse dito que ficava OK.

— Vou ficar bem — repito. — Obrigada pela sua ajuda.

Quero que ele sorria, mas isso não se adequa ao momento. Tenho curiosidade em saber como será o sorriso dele.

Ao invés, ele encolhe levemente os ombros.

— Está bem, então.

Vai destrancar a porta. Abre-ma, mas não saio imediatamente. Continuo a olhá-lo, pois ainda não me sinto preparada para enfrentar o mundo lá fora. Aprecio a gentileza dele e quero dizer mais, agradecer-lhe de alguma forma, talvez com um café ou devolvendo-lhe a camisa. Sinto-me cativada pelo seu altruísmo — uma raridade, nos dias que correm. Mas é o brilho da aliança de casamento na sua mão esquerda que me impele para fora da casa de banho e do café, para as ruas agora ainda mais movimentadas, ainda com mais gente.

Chegou uma ambulância, que bloqueia o trânsito em ambos os sentidos. Volto para o local do acidente, pensando se devo prestar um depoimento. Aguardo junto de um polícia que está

a apontar os testemunhos de outras pessoas. Não são diferentes do meu, mas dou o meu depoimento e disponibilizo o meu contacto. Não sei que utilidade poderá ter, porque não vi, de facto, o embate. Apenas me encontrava bastante perto para ouvir. Para ficar pintada como uma tela de Jackson Pollock.

Olho para trás e vejo o Jeremy a sair do café, com um copo de café na mão. Atravessa a estrada, concentrado em seguir para onde pretendia. A sua mente está agora noutro sítio, longe de mim, provavelmente a pensar na mulher e no que lhe dirá quando chegar a casa sem camisa.

Tiro o telemóvel da mala e vejo as horas. Ainda tenho 15 minutos antes do encontro com o Corey e o editor da Pantem Press. As minhas mãos tremem ainda mais, agora que o estranho não está aqui para me distrair dos meus pensamentos. Um café podia ajudar. Morfina ajudaria, *sem dúvida*, mas o pessoal dos cuidados paliativos recolheu toda a que havia no meu apartamento na semana passada, quando foram buscar o equipamento, após a morte da minha mãe. É uma pena que eu estivesse demasiado abalada para me lembrar de a esconder. Neste momento, dava-me mesmo jeito ter alguma.

2

Quando o Corey me enviou uma mensagem ontem à noite, a dar conta da reunião de hoje, há meses que não sabia nada dele. Estava sentada à secretária do computador, observando uma formiga que se arrastava pelo dedo grande do meu pé.

A formiga estava sozinha, balançando para a esquerda e para a direita, para cima e para baixo, em busca de comida ou de amigos. Parecia confusa pela sua solidão. Ou talvez estivesse entusiasmada com a sua recente liberdade. Não pude deixar de me perguntar porque estaria sozinha. Em geral, as formigas andam com um exército atrás.

A minha curiosidade pela situação da formiga era um sinal claro de que precisava de sair do apartamento. Temia que, depois de estar tanto tempo fechada a cuidar da minha mãe, ficasse tão confusa como a formiga assim que saísse para o patamar da escada. Esquerda, direita, dentro, fora. *Onde estão os meus amigos? Onde está a comida?*

A formiga desceu do meu dedo para o chão de madeira. Desaparecia para dentro da parede quando a mensagem do Corey chegou.

Quando, há alguns meses, tracei um limite, esperava que ele compreendesse: visto que já não fazíamos sexo, o método de

contacto mais eficiente entre uma autora e o seu agente literário era o e-mail.

A mensagem dizia:

Vai ter comigo amanhã às 9 horas ao edifício da Pantem Press, 14.º andar. Acho que temos uma oferta.

Nem sequer perguntou pela minha mãe. Não me surpreendeu. A sua falta de interesse por tudo o que não fosse o seu trabalho e ele próprio é a razão para já não estarmos juntos. A sua falta de preocupação fez-me sentir injustamente irritada. Ele não me deve nada, mas, pelo menos, podia ter fingido que se importava.

Não lhe respondi na noite passada. Em vez disso, pousei o telemóvel e olhei para a fenda na base da parede — aquela por onde a formiga desaparecera. Pus-me a pensar se encontraria outras formigas na parede ou se esta era uma solitária. Talvez fosse como eu e tivesse aversão a outras formigas.

Era difícil explicar porque é que eu sentia uma aversão tão incapacitante em relação aos outros seres humanos, mas, se tivesse de apostar, diria que é o resultado direto de a minha mãe se ter sentido aterrorizada comigo.

Aterrorizada talvez seja uma palavra muito forte. Mas, sem dúvida, não confiava em mim quando eu era criança. Tirando a escola, mantinha-me à parte das pessoas, por recear o que eu pudesse fazer durante os meus episódios de sonambulismo. Essa paranoia transferiu-se para a minha vida adulta, altura em que a minha atitude já se definira. Uma solitária. Muito poucos amigos e pouca vida social. Por isso é que esta é a primeira manhã que saio de casa desde há semanas.

Pensei que o meu primeiro passeio fora do apartamento fosse a um sítio de que tivesse saudades, como o Central Park ou uma livraria.

Certamente não pensei encontrar-me aqui, numa fila no átrio de uma editora, rezando desesperadamente para que, fosse qual fosse a oferta, me permitisse pôr a renda em dia antes de ser despejada. Mas aqui estou, a uma reunião de diferença entre o despejo e o trabalho que me permitirá arranjar outro apartamento.

Olho para baixo e aliso a camisa que o Jeremy me emprestou na casa de banho do café do outro lado da rua. Espero não estar com uma aparência muito ridícula. Talvez haja uma maneira de tirar proveito disto, como se usar camisas de homem com o dobro do meu tamanho fosse uma afirmação de moda.

— Bela camisa — diz alguém atrás de mim.

Viro-me ao som da voz do Jeremy, chocada por vê-lo.

Estará a seguir-me?

Chegou a minha vez na fila, por isso, entrego a carta de condução ao segurança e depois olho para o Jeremy, reparando que tem outra camisa vestida.

— Guarda camisas de reserva no bolso das calças? — Não passou muito tempo desde que ele me deu a que trazia vestida.

— O meu hotel fica a um quarteirão de distância. Fui lá mudar de roupa.

O hotel dele. Isto promete. Se está num hotel, talvez não trabalhe aqui. E, se não trabalha aqui, talvez não esteja na indústria da edição. Não faço a menor ideia de com quem é a minha reunião e, depois da manhã que passámos, espero que não tenha nada que ver com ele.

— Isso quer dizer que não trabalha neste edifício?

Ele tira a identificação do bolso e entrega-a ao segurança.

— Não, não trabalho aqui. Tenho uma reunião no 14.º andar.

Claro, só podia ter.

— Eu também.

Um sorriso fugaz aparece-lhe na boca e desaparece com a mesma rapidez, como se se lembrasse do que aconteceu do outro lado da rua e percebesse que ainda era cedo para não estar afetado.

— Quais são as probabilidades de estarmos a dirigir-nos para a mesma reunião? — Ele recupera a sua identificação das mãos do segurança, que nos indica os elevadores.

— Sei lá! — respondo. — Ainda não me disseram exatamente o que venho aqui fazer.

Entramos no elevador e ele prime o botão para o 14.º andar. Olha-me enquanto tira a gravata do bolso e começa a pô-la.

Não tiro os olhos da aliança dele.

— É escritora?

Assinto com a cabeça.

— Também é?

— Não. Mas a minha mulher é. — Dá puxões na gravata até ficar no lugar. — Escreveu alguma coisa que eu possa conhecer?

— Duvido. Ninguém lê os meus livros.

Os seus lábios encurvam para cima.

— Não há muitas Lowens no mundo. De certeza que posso descobrir que livros escreveu.

Porquê? Quer mesmo lê-los? Ele olha para o telemóvel e começa a escrever.

— Não disse que escrevo com o meu nome verdadeiro.

Ele não levanta os olhos do telemóvel até as portas do elevador se abrirem. Avança para elas e detém-se à saída, olhando para trás. Ergue o telemóvel e sorri.

— Não escreve sob pseudónimo. Escreve com o nome Lowen Ashleigh, que, curiosamente, é o nome da escritora com quem vou encontrar-me às 9h30.

Finalmente obtenho o tal sorriso, mas, por mais bonito que seja, já não o quero.

Ele pesquisou-me no *Google*. E, apesar de a minha reunião ser às 9 horas e não às 9h30, ele parece saber mais acerca dela do que eu. Se vamos efetivamente para a mesma reunião, o nosso encontro na rua torna-se um tanto suspeito. No entanto, as probabilidades

de estarmos no mesmo local à mesma hora e de assistirmos ao mesmo acidente não são assim tão inconcebíveis, considerando que nos dirigíamos para o mesmo sítio.

O Jeremy chega-se para o lado e eu saio do elevador. Abro a boca para falar, mas ele dá alguns passos, recuando, e diz:

— Vemo-nos daqui a pouco.

Não o conheço de lado nenhum, nem faço ideia de como está relacionado com a reunião que vou ter, mas, mesmo sem perceber o que está a acontecer nesta manhã, não consigo deixar de gostar dele. O homem deu-me, literalmente, a camisa que tinha no corpo, por isso duvido que seja de natureza rancorosa.

— Está bem — digo. — Vemo-nos daqui a pouco.

Ele devolve-me o sorriso.

— OK.

Vejo-o virar à esquerda e desaparecer. Quando ele deixa de me poder ver, consigo descontrair um pouco. Esta manhã tem sido... intensa. Entre o acidente que testemunhei e os encontros em espaços fechados com aquele homem surpreendente, sinto-me muito estranha.

Encosto a palma da mão à parede e apoio-me. Que raio...

— Chegaste a horas — diz o Corey. A voz dele assusta-me. Dou meia-volta e vejo-o a caminhar na minha direção, vindo do corredor em frente. Inclina-se e dá-me um beijo na bochecha. Fico rígida. — Nunca chegas a horas.

— Teria chegado mais cedo, mas... — Calo-me. Não lhe explico o que me impediu de chegar mais cedo. Ele parece desinteressado, caminhando na mesma direção que o Jeremy.

— A reunião é às 9h30, mas, como calculei que chegasses atrasada, disse-te que era às 9 horas em ponto.

Detenho-me, olhando para a sua nuca. *Mas que diabo, Corey?* Se ele me tivesse dito a hora certa, eu não teria testemunhado o acidente do outro lado da rua. Não teria ficado exposta ao sangue de um estranho.

— Vens? — disse o Corey, parando e olhando para trás.

Escondo a minha irritação. Estou habituada a fazê-lo, quando se trata dele.

Entramos numa sala de reuniões vazia. O Corey fecha a porta atrás de nós e eu sento-me à mesa. Ele senta-se ao meu lado, junto da cabeceira, posicionando-se de maneira a olhar-me. Tento não franzir o sobrolho enquanto o examino depois do nosso hiato de vários meses, mas ele não mudou. Continua muito limpo, aprumado, usando gravata, óculos, um sorriso. Sempre em profundo contraste comigo.

— Estás com péssimo aspeto — digo, porque ele não está com péssimo aspeto. Nunca está, e sabe disso.

— Tu estás com um aspeto fresco e deslumbrante — diz ele, porque eu nunca estou fresca e deslumbrante. Pareço sempre cansada e, talvez, perpetuamente enfadada. Já ouvi falar da Cara de Cabra em Repouso, mas identifico-me mais com Cara de *Enfadada* em Repouso.

— Como está a tua mãe?

— Morreu na semana passada.

Ele não estava à espera disto. Recosta-se na cadeira e inclina a cabeça.

— Porque é que não me disseste?

Porque é que não te deste ao trabalho de perguntar até agora?

Encolho os ombros.

— Ainda estou a processar.

A minha mãe viveu comigo nos últimos meses — desde que lhe foi diagnosticado um cancro do cólon no estágio 4. Morreu na passada quarta-feira, depois de três meses de cuidados paliativos. Foi difícil nos últimos meses sair de casa, porque ela dependia de mim para tudo — desde beber e comer a virar-se na cama. Quando piorou, não podia deixá-la sozinha tempo nenhum, e, por isso, não pus um pé fora do apartamento durante várias semanas.

Felizmente, uma ligação wi-fi e um cartão de crédito fazem com que seja possível viver em Manhattan sem sair de casa. Pode-nos ser entregue qualquer coisa de que possamos precisar.

É curioso como uma das cidades mais povoadas do mundo pode, ao mesmo tempo, ser um paraíso para os agorafóbicos.

— Estás bem? — pergunta o Corey.

Tento disfarçar a minha inquietação com um sorriso, se bem que o interesse dele seja meramente formal.

— Estou bem. Quando já estamos à espera, é mais fácil. — Apenas digo o que acho que ele quer ouvir. Não sei como reagiria à verdade: que estou aliviada por ela ter partido. A única coisa que a minha mãe alguma vez trouxe para a minha vida foi culpa. Nada mais, nada menos. Apenas uma culpa constante.

O Corey dirige-se ao balcão, onde estão dispostos bolinhos, garrafas de água e uma cafeteira com café.

— Tens fome? Sede?

— Pode ser água.

Ele pega em duas águas e entrega-mas, regressando depois ao seu lugar.

— Precisas de ajuda com o testamento? Tenho a certeza de que o Edward pode ajudar.

O Edward é o advogado da agência literária do Corey. Como é uma agência pequena, muitos autores usam os conhecimentos do Edward noutras áreas. Infelizmente, não vou precisar. O Corey tentou avisar-me no ano passado, quando assinei o contrato do meu apartamento de duas assoalhadas, que não teria dinheiro para o pagar. Mas a minha mãe insistiu em morrer com dignidade — no seu próprio quarto. Não quis um lar. Não quis um hospital. Não quis uma cama de hospital no meio do meu apartamento acanhado. Queria o seu próprio quarto, com as suas coisas.

Prometeu-me que o que sobrasse na sua conta bancária depois de morrer me ajudaria a compensar todo o tempo que não

dediquei à minha carreira literária. No último ano, vivi com o que me restava do pequeno adiantamento sobre a minha última obra publicada. Mas agora já se foi e, ao que parece, também o dinheiro da minha mãe. Foi uma das últimas coisas que me confessou antes de, por fim, sucumbir ao cancro. Eu teria cuidado dela, qualquer que fosse a sua situação financeira. Era minha mãe. Mas o facto de ela sentir que precisava de me mentir para eu a receber prova o quanto estávamos desligadas uma da outra.

Dou um gole na minha água e abano a cabeça.

— Não preciso de um advogado. A única coisa que ela me deixou foram dívidas, mas obrigada.

O Corey cerra os lábios. Ele conhece a minha situação financeira, porque, como meu agente, é ele que me envia os cheques dos direitos. É por isso que agora me olha com pena.

— Tens um cheque de um *royalty* estrangeiro a chegar em breve — diz ele, como se eu não tivesse noção de cada cêntimo que vou receber nos próximos seis meses. *Como se não o tivesse já gasto.*

— Eu sei. Eu fico bem. — Não quero falar da minha situação financeira com o Corey. Nem com ninguém.

O Corey encolhe os ombros, pouco convencido. Olha para baixo e ajeita a gravata.

— Esperemos que esta oferta seja boa para ambos — diz.

Fico aliviada por mudarmos de assunto.

— Porque é que vamos encontrar-nos pessoalmente com um editor? Sabes que eu prefiro fazer as coisas por e-mail.

— Solicitaram a reunião ontem. Disseram que tinham um trabalho que gostavam de discutir pessoalmente contigo, mas não me adiantaram pormenores por telefone.

— Pensava que estavas a trabalhar num contrato novo com o meu último editor.

— Os teus livros vendem bem, mas não o suficiente para garantir outro contrato sem sacrificares algum do teu tempo.

Tens de aceitar estar presente nas redes sociais, fazer viagens de promoção, conquistar uma base de fãs. No mercado atual, as vendas não bastam.

Eu já receava isto. Uma renovação contratual com o meu atual editor era toda a esperança financeira que me restava. Os cheques dos direitos dos meus livros anteriores tinham diminuído ao mesmo ritmo das minhas vendas. Escrevi muito pouco durante o ano que passou, por estar dedicada à minha mãe, por isso não tenho nada para vender a um editor.

— Não faço ideia do que é que a Pantem vai oferecer, nem se é alguma coisa que te possa interessar — diz o Corey. — Temos de assinar um acordo de confidencialidade antes de nos darem mais informações. Mas o secretismo despertou-me a curiosidade, confesso. Estou a tentar não elevar muito as expetativas, mas há muitas possibilidades e tenho um bom *feeling*. Ambos precisamos disto.

Diz *ambos* porque, qualquer que seja a oferta, ele recebe 15 por cento, se eu aceitar. É a norma agente-cliente. O que *não é* a norma agente-cliente são os seis meses que passámos num relacionamento e os dois anos de sexo após o rompimento.

O nosso relacionamento sexual só foi tão longo porque ele não tinha ninguém a sério, e eu também não. Foi conveniente até deixar de o ser. Mas a razão para a nossa verdadeira relação ter sido tão breve foi o facto de ele ter-se apaixonado por outra mulher.

Pouco importava que a outra mulher no nosso relacionamento também fosse eu.

Deve ser confuso, alguém apaixonar-se pelas palavras de um autor antes de o conhecer. Algumas pessoas têm dificuldade em separar uma personagem do escritor que a criou. Surpreendentemente, o Corey, apesar de ser agente literário, é uma dessas pessoas. Ele conheceu e apaixonou-se pela protagonista do meu primeiro romance, *Fim em Aberto*, ainda antes de falar comigo. Partiu do princípio de que a personalidade da minha personagem

era um reflexo perfeito da minha, quando, na verdade, eu não podia ser mais diferente dela.

O Corey foi o único agente a responder à minha proposta, e mesmo essa resposta demorou meses a chegar. O seu e-mail continha apenas algumas frases, mas foi suficiente para insuflar vida na minha esperança moribunda.

Li o seu manuscrito, *Fim em Aberto*, em poucas horas. Acredito neste livro. Se ainda estiver à procura de agente, telefone-me.

O e-mail chegou numa quinta-feira de manhã. Duas horas depois, tínhamos uma profunda conversa telefónica acerca do meu manuscrito. Quando chegou a noite de sexta-feira, já nos tínhamos encontrado para um café e assinado um contrato.

No sábado à noite já tínhamos feito sexo três vezes.

Tenho a certeza de que a nossa relação infringiu, nalgum ponto, o código de ética, mas não creio que isso tenha contribuído para ser tão curta. Assim que o Corey descobriu que a minha personagem não era baseada em mim, percebeu que éramos incompatíveis. Eu não era heroica. Eu não era simples. Eu era difícil. Um enigma emocionalmente desafiante que ele não estava disposto a resolver.

O que era bom. Eu não estava disposta a ser resolvida.

Por mais difícil que fosse estar numa relação com ele, era surpreendentemente fácil ser sua cliente. Foi por isso que decidi não mudar de agência depois de acabarmos, pois ele tem sido leal e imparcial em relação à minha carreira.

— Pareces um pouco cansada — disse ele, interrompendo os meus pensamentos. — Estás nervosa?

Assinto com a cabeça. Espero que ele aceite que a minha atitude se deve aos nervos, pois não quero explicar porque é que estou

cansada. Saí do meu apartamento há duas horas, mas parece que aconteceram mais coisas neste período do que no resto do ano inteiro. Olho para as mãos, para os braços... em busca de vestígios de sangue. Já não está ali, mas ainda o sinto. *Cheiro-o*.

As minhas mãos não param de tremer, por isso, mantenho-as escondidas debaixo da mesa. Agora que estou aqui, percebo que, provavelmente, não devia ter vindo. Mas não posso ignorar um potencial contrato. As ofertas não estão propriamente a chover e, se não surgir alguma coisa em breve, terei de arranjar um trabalho normal. E, se arranjar um trabalho normal, dificilmente terei tempo para escrever. Mas, pelo menos, terei dinheiro para pagar as contas.

O Corey tira um lenço do bolso e limpa o suor da testa. Ele só transpira quando está nervoso, e o facto de estar nervoso enerva-me ainda mais.

— Precisamos de um sinal secreto, para o caso de não estares interessada na proposta? — pergunta ele.

— Ouvimos o que eles têm a dizer e depois pedimos para falar em privado.

O Corey clica no topo da caneta e endireita-se na cadeira, como se estivesse a carregar uma arma para uma batalha.

— Deixa-me falar.

Era o que eu tencionava fazer. Ele é carismático e sedutor. Eu teria dificuldade em encontrar alguém que me atribuísse qualquer desses dois adjetivos. É melhor ficar recostada e ouvir.

— O que é que tens *vestido*? — O Corey olha, perplexo, para a minha camisa, só agora reparando nela, apesar de estar comigo há 15 minutos.

Olho para a minha camisa demasiado grande. Por um momento, esqueço-me do quanto estou ridícula.

— Entornei café na outra camisa esta manhã, e tive de mudar de roupa.

— De quem é essa camisa?

Encolho os ombros.

— Deve ser tua. Estava no meu roupeiro.

— Saíste de casa assim? Não havia mais nada que pudesses vestir?

— Não parece alta-costura? — Estou a ser sarcástica, mas ele não percebe.

Faz uma careta.

— Não. Devia parecer?

É tão estúpido! Mas é bom na cama, como a maioria dos estúpidos.

A verdade é que fico aliviada quando a porta da sala de conferências se abre e entra uma mulher. É seguida, quase comicamente, por um homem mais velho, que a segue tão de perto, que esbarra nas suas costas quando ela se detém.

— Caraças, Barron! — ouço-a murmurar.

Quase sorrio à ideia de *Caraças Barron* ser mesmo o seu nome.

O Jeremy é o último a entrar. Faz-me um pequeno aceno de cabeça, em que mais ninguém repara.

A mulher está mais bem vestida do que eu nos meus melhores dias. Tem cabelo preto, curto, e um batom tão vermelho, que é um pouco chocante às 9 horas da manhã. Parece ser ela a responsável, estendendo a mão ao Corey e depois a mim, enquanto o *Caraças Barron* olha.

— Amanda Thomas — apresenta-se ela. — Sou editora da Pantem Press. Este é o Barron Stephens, o nosso advogado, e o Jeremy Crawford, o nosso cliente.

Eu e o Jeremy apertamos a mão, e ele disfarça bem o facto de termos partilhado uma manhã muito bizarra. Senta-se em silêncio na cadeira à minha frente. Tento não olhar para ele, mas é o único ponto para onde os meus olhos parecem querer deslocar-se. Não faço ideia de porque estou mais curiosa acerca dele do que acerca desta reunião.

A Amanda tira umas pastas da sua mala e empurra-as para mim e para o Corey.

— Obrigada por se encontrarem connosco — diz. — Não queremos fazer-vos perder tempo, por isso, vou direta ao assunto. Uma das nossas autoras não pode cumprir um contrato, por razões de saúde, e procuramos uma escritora com experiência no mesmo género que possa fazer os três livros que faltam na sua série.

Lanço um olhar de relance ao Jeremy, mas a sua expressão estoica não oferece qualquer pista sobre o seu papel naquela reunião.

— Quem é a autora? — pergunta o Corey.

— Vamos fornecer-vos todos os pormenores e condições, mas têm de assinar o acordo de confidencialidade. Gostaríamos de manter a situação atual da nossa autora longe da comunicação social.

— Claro — diz o Corey.

Eu concordo, mas não digo nada enquanto ambos lemos os impressos e os assinamos. O Jeremy empurra-os na direção da Amanda.

— Trata-se de Verity Crawford — diz a Amanda. — De certeza que conhecem o trabalho dela.

O Corey fica tenso assim que ouve o nome de Verity. *Claro* que conhecemos o trabalho dela. Toda a gente conhece. Olho de relance para Jeremy. *A mulher dele é a Verity?* Têm o mesmo apelido. Ele disse, lá em baixo, que a mulher era escritora. Mas porque estaria numa reunião relacionada com ela? Uma reunião em que ela não estava?

— Conhecemos o nome — diz o Corey, sem abrir o jogo.

— A Verity tem uma série de muito sucesso, que detestaríamos que não fosse concluída — continua a Amanda. — O nosso objetivo é arranjar uma escritora que deseje terminar a série,

fazer as viagens de promoção dos livros, as conferências de imprensa e tudo o mais que era normalmente exigido à Verity. Planeamos fazer uma conferência de imprensa para apresentar a nova coautora, ao mesmo tempo que preservamos ao máximo a privacidade da Verity.

Viagens de promoção? Conferências de imprensa?

O Corey está a olhar para mim. Sabe que essa parte não me agrada. Muitos autores são excelentes na interação com os leitores, mas eu sou tão desastrada que receio que, uma vez que os meus leitores me conheçam pessoalmente, renunciem os meus livros para sempre. Fiz uma única sessão de autógrafos, e não dormi na semana anterior. Sentia-me de tal forma assustada durante a sessão, que quase não conseguia falar. No dia seguinte, recebi um e-mail de uma leitora a dizer que eu tinha sido uma cabra arrogante com ela e que não voltaria a ler os meus livros.

E é por isso que fico em casa a escrever. Acho que a ideia de mim é melhor do que o meu eu real.

O Corey não diz nada enquanto abre a pasta que a Amanda lhe entrega.

— Qual é a compensação da Sra. Crawford por três romances?

É o *Caraças Barron* que responde a esta pergunta.

— As condições do contrato da Verity com o seu editor continuarão as mesmas e, naturalmente, não serão reveladas. Todos os direitos irão para a Verity. Mas o meu cliente, Jeremy Crawford, deseja fazer um pagamento total de 75 mil por livro.

O meu estômago dá um pulo à menção de tal pagamento. Porém, com a mesma rapidez com que me animo, desanimo, ao perceber a enormidade de tudo aquilo. Passar de uma escritora desconhecida a coautora de uma sensação literária é um salto demasiado grande para mim. Só de pensar nisso, sinto a ansiedade a instalar-se.

O Corey debruça-se, cruzando os braços sobre a mesa.

— Presumo que o pagamento seja negociável.

Tento chamar-lhe a atenção. Quero que ele saiba que não são necessárias negociações. Nem pensar que vou aceitar a proposta de terminar uma série de livros que me inspira demasiado nervosismo para escrever.

O *Caraças Barron* endireita-se na cadeira.

— Com o devido respeito, a Verity Crawford passou mais de uma década a construir a sua marca. Uma marca que, de outra forma, não existiria. A oferta é para três livros. São 75 mil por livro, o que dá um total de 225 mil dólares.

O Corey deixa cair a caneta sobre a mesa e recosta-se na sua cadeira, não parecendo impressionado.

— Qual é o prazo de entrega?

— Já estamos atrasados, por isso, pretendemos o primeiro livro seis meses depois da assinatura do contrato.

Enquanto ela fala, não consigo deixar de olhar para o batom vermelho que lhe mancha os dentes.

— O prazo para os outros dois está em aberto. Idealmente, teríamos o contrato concluído nos próximos 24 meses.

Sinto o Corey a fazer cálculos mentais. Pergunto-me se está a calcular a parte dele ou a *minha*. O Corey receberá 15 por cento. São quase 35 mil dólares, só por me representar nesta reunião enquanto meu agente. Metade vai para impostos. À minha conta bancária chegarão menos de 100 mil dólares. Cinquenta mil por ano.

É mais do dobro do adiantamento que recebi pelos meus romances anteriores, mas não o suficiente para me convencer a associar-me a uma série de sucesso. A conversa arranca e recua inutilmente, uma vez que eu já sei que vou recusar. Quando a Amanda pega no contrato oficial, clareio a garganta e falo:

— Agradeço a oferta — começo, enquanto olho para o Jeremy, para ele perceber a minha sinceridade. — Agradeço mesmo.

Mas se o vosso plano é arranjar alguém que seja o novo rosto da série, certamente haverá outras autoras mais apropriadas.

O Jeremy não diz nada, mas olha-me com muito mais curiosidade do que antes de eu falar. Levanto-me, pronta para sair. Estou desapontada com o resultado, mas ainda mais desapontada por o meu primeiro dia fora de casa ter sido, sob tantos aspetos, um desastre. Estou pronta para ir para casa e tomar um duche.

— Gostaria de um momento com a minha cliente — diz o Corey, levantando-se rapidamente.

A Amanda concorda, fechando a mala e a pasta, e ambos se põem de pé.

— Nós saímos — diz ela. — As condições estão nas vossas pastas. Temos outras duas escritoras em mente, se sentir que isto não é apropriado para si, por isso, digam-nos alguma coisa até amanhã à tarde, o mais tardar.

O Jeremy é o único que se mantém sentado. Não disse uma única palavra até ao momento. A Amanda inclina-se para me apertar a mão.

— Se tiver alguma questão, entre em contacto, por favor. Terei todo o gosto em ajudar.

— Obrigada — digo.

A Amanda e o *Caraças Barron* saem, mas o Jeremy continua a fitar-me. O olhar de Corey desloca-se de um para o outro, esperando que o Jeremy saia. Ao invés, o Jeremy inclina-se para a frente, fitando-me.

— Podemos ter uma palavrinha em privado? — pergunta-me. Olha para o Corey, não como quem lhe pede permissão, mas como quem o dispensa.

O Corey devolve-lhe o olhar, apanhado desprevenido pelo seu ousado pedido. Percebo, pela forma como o Corey vira lentamente a cabeça e semicerra os olhos, que está à espera de que eu diga que não. Está praticamente a dizer: *Acreditas na lata deste gajo?*

O que ele não percebe é que estou ansiosa por ficar sozinha na sala com o Jeremy. Quero-os todos fora da sala, sobretudo o Corey, porque, de repente, tenho muitas mais perguntas para o Jeremy. Sobre a mulher dele, sobre a razão para me terem procurado, sobre o motivo por que ela já não consegue terminar a série.

— Está tudo bem — digo ao Corey.

Ele tenta esconder a irritação, mas tem a veia da testa saliente. O seu queixo endurece, mas ele cede e, por fim, sai da sala de reuniões.

Ficamos só eu e o Jeremy.

Outra vez.

Contando com o elevador, esta é a terceira vez que estamos sozinhos numa sala desde que os nossos caminhos se cruzaram hoje de manhã. Mas é a primeira vez que sinto tanta energia nervosa. Tenho a certeza de que é toda da minha parte. O Jeremy, curiosamente, parece tão calmo como quando me ajudou a sacudir do corpo pedaços de um peão, menos de uma hora atrás.

Recosta-se na cadeira e arrasta as mãos pela cara.

— Caramba — murmura. — Os encontros com editores são sempre assim tão formais?

Rio-me baixinho.

— Não sei. Costumo fazer estas coisas por e-mail.

— Percebo porquê. — Ele levanta-se e pega numa garrafa de água. Talvez seja por ele ser tão alto e eu agora estar sentada, mas não me lembro de antes me ter sentido tão pequena na sua presença. Saber que é casado com a Verity Crawford intimida-me ainda mais do que ter estado diante dele de saia e soutien.

Ele fica de pé, encostado ao tampo da mesa, com as pernas cruzadas nos tornozelos.

— Sente-se bem? Não teve muito tempo para digerir o que aconteceu do outro lado da rua antes de lhe ser apresentada esta situação.

— Nem o Jeremy.

— Está tudo bem. — *Outra vez aquela expressão.* — De certeza que tem perguntas.

— Um monte delas — admito.

— Que quer saber?

— Porque é que a sua mulher não pode terminar a série?

— Teve um acidente de carro — diz ele. A resposta é mecânica, como se, neste momento, se forçasse a bloquear qualquer emoção.

— Lamento. Não sabia. — Remexo-me na cadeira, sem saber o que mais dizer.

— Ao princípio, não aprovei a ideia de ser outra pessoa a terminar o contrato. Tinha esperança de que ela recuperasse totalmente. Mas... — Faz uma pausa. — Cá estamos nós.

A sua atitude começa a fazer sentido para mim. Parecia um pouco reservado e calado, mas agora percebo que todas as partes silenciosas dele são apenas mágoa. Mágoa palpável. Não sei se é por causa do que aconteceu à mulher ou pelo que me disse antes, na casa de banho — que a filha tinha morrido há alguns meses. Mas este homem está obviamente fora do seu elemento, confrontado com decisões mais pesadas do que a maioria das pessoas tem de tomar.

— Lamento muito.

Ele anui com a cabeça, mas não diz mais nada. Volta para a cadeira, como se pensasse que ainda estou a ponderar a oferta. Não quero fazê-lo perder mais tempo do que já fiz.

— Agradeço a oferta, Jeremy, mas, sinceramente, não é uma coisa com que me sinta confortável. Não me dou bem com publicidade. Nem sequer percebo porque é que a editora da sua mulher pensou em mim como uma opção.

— *Fim em Aberto* — diz o Jeremy.

Fico alerta quando ele menciona um dos livros que escrevi.

— Era um dos livros favoritos da Verity.

— A sua mulher leu um dos meus livros?

— Disse que a Lowen seria a próxima sensação literária. Fui eu que dei o seu nome à editora, porque a Verity acha que os vossos estilos de escrita são semelhantes. Se a série da Verity vai ser concluída por outra pessoa, quero que seja por alguém cujo trabalho ela respeita.

Abano a cabeça.

— Caramba! Sinto-me lisonjeada, mas... não posso.

O Jeremy olha-me em silêncio, como que tentando compreender porque é que não reajo como a maioria dos escritores a quem fosse apresentada esta oportunidade. Ele não me compreende. Normalmente, eu ficaria orgulhosa. Não gosto que me interpretem com facilidade mas, nesta situação, parece errado. Sinto que devia ser mais transparente, simplesmente porque ele me demonstrou cortesia durante o incidente desta manhã. Mas nem saberia por onde começar.

O Jeremy inclina-se para a frente, os olhos cheios de curiosidade. Olha-me por um momento, depois bate com o punho na mesa ao levantar-se. Parto do princípio de que a reunião terminou e começo também a levantar-me, mas o Jeremy não se encaminha para a porta. Dirige-se a uma parede repleta de prémios emoldurados, por isso volto a afundar-me na minha cadeira. Ele olha para os prémios, de costas para mim. Só quando passa os dedos por cima de um deles me apercebo de que é o da mulher.

Ele suspira e vira-se de novo para mim.

— A Lowen já ouviu falar de pessoas designadas como *Crónicas*? — pergunta.

Abano a cabeça.

— Acho que foi a Verity quem inventou o termo. Depois de as nossas filhas morrerem, ela disse que nós éramos Crónicos. Propensos à Tragédia Crónica. Uma coisa horrível após outra.

Fito-o por um momento, tentando digerir as suas palavras. Antes ele tinha dito que perdera uma filha, mas agora usara o termo no plural.

— Filhas?

Ele inspira e depois solta o ar, derrotado.

— Sim. Gémeas. Perdemos a Chastin seis meses antes de a Harper falecer. Foi...

Não está a separar-se das suas emoções tão bem quanto antes. Passa uma mão pela cara e volta à sua cadeira.

— Algumas famílias têm tanta sorte, que nunca passam por uma tragédia. Outras parecem ter tragédias ao virar de cada esquina. Tudo o que pode correr mal corre mal. E depois piora.

Não percebo porque me está a dizer isto, mas não pergunto. Gosto de o ouvir falar, mesmo que as palavras que lhe saem da boca sejam tristes.

Está a fazer rolar a sua garrafa de água em cima da mesa, num movimento de círculo, olhando-a, pensativo. Começo a achar que ele não pediu para ficar sozinho comigo para me fazer mudar de ideias. Só queria estar sozinho. Talvez não aguentasse mais um segundo a discutir assim a sua mulher e quisesse que se fossem todos embora. Achei isso reconfortante — que ele sentisse que estar comigo na sala era o mesmo que estar sozinho.

Ou talvez ele se sentisse sempre sozinho. Tal como um antigo vizinho do lado que, ao que parecia, era um Crónico.

— Cresci em Richmond — digo. — Tínhamos um vizinho que perdeu os três membros da sua família em menos de dois anos. O filho morreu em combate. A mulher morreu passados seis meses, de cancro. Depois, a filha morreu num desastre de carro.

O Jeremy para de rolar a garrafa de água e empurra-a alguns centímetros de distância.

— Onde está o homem agora?

Fico rígida. Não esperava esta pergunta.

A verdade é que o homem não aguentara perder toda a gente que significava alguma coisa para ele. Suicidara-se alguns meses depois da morte da filha, mas dizer isso ao Jeremy, que ainda chorava a morte das suas gémeas, seria cruel.

— Ainda vive na mesma cidade. Voltou a casar-se alguns anos depois. Tem alguns enteados e netos.

Há algo na expressão do Jeremy que me leva a pensar que ele sabe que estou a mentir, mas parece agradecer que o faça.

— Vai precisar de passar algum tempo no escritório da Verity, a ver as coisas dela. Ela tem anos de apontamentos e rascunhos, coisas em que eu não conseguiria encontrar sentido.

Abano a cabeça. *Ele não ouviu nada do que eu disse?*

— Jeremy, já lhe disse, não posso...

— O advogado está a enganá-la. Diga ao seu agente para pedir meio milhão. Diga-lhes que o fará sem imprensa, sob pseudónimo, com uma confidencialidade à prova de fogo. Assim, seja o que for que esteja a tentar manter escondido, permanecerá escondido.

Quero dizer-lhe que não estou a tentar esconder nada, tirando a minha falta de aptidão social, mas, antes de poder dizer alguma coisa, já ele está junto à porta.

— Vivemos em Vermont — continua. — Dou-lhe a morada depois de assinar o contrato. Pode ficar o tempo que for preciso, para ver as coisas dela.

Detém-se com a mão na porta. Abro a boca para voltar a objectar, mas a única coisa que me sai é um muito inseguro *Tudo bem*.

Ele olha-me por um momento, como se tivesse algo a acrescentar. Depois diz:

— Tudo bem.

Abre a porta e sai para o corredor, onde o Corey aguarda. O Corey passa por ele, entra na sala de conferências e fecha a porta.

Baixo o olhar para a mesa, confusa com o que acabou de acontecer. Porque é que estão a oferecer-me uma quantia tão substancial

de dinheiro para fazer um trabalho que eu nem sei se quero fazer? *Meio milhão de dólares? E posso fazê-lo sob pseudônimo, sem viagens de promoção e sem compromissos publicitários? Que diabo terei dito que conduziu a esta situação?*

— Não gosto dele — diz o Corey, sentando-se. — O que é que te disse?

— Disse que me estão a enganar, e para pedir meio milhão de dólares, sem publicidade.

Viro-me a tempo de ver o Corey engasgar-se. Pega na minha garrafa de água e dá um gole.

— Merda.

ONDE SE ESCONDE A VERDADE?

Lowen Ashleigh é uma escritora que se debate com grandes dificuldades financeiras, até que aceita uma oferta de trabalho irrecusável: terminar os três últimos volumes da série de sucesso de Verity Crawford, uma autora de renome que ficou incapacitada depois de um terrível acidente.

Para poder entrar na cabeça de Verity e estudar as anotações e ideias reunidas ao longo de anos de trabalho, Lowen aceita o convite de Jeremy Crawford, marido da autora, e muda-se temporariamente para a casa deles. Mas o que ela não esperava encontrar no caótico escritório de Verity era a autobiografia inacabada da autora. Ao lê-la, percebe que esta não se destinava a ser partilhada com ninguém. São páginas e páginas de confissões arrepiantes, incluindo as memórias de Verity relativas ao dia da morte da filha.

Lowen decide ocultar de Jeremy a existência do manuscrito, sabendo que o seu conteúdo destroçaria aquele pai, já em tão grande sofrimento. Mas, à medida que os sentimentos de Lowen por Jeremy se intensificam, ela apercebe-se de que talvez seja melhor ele ler as palavras escritas por Verity. Afinal de contas, por mais dedicado que Jeremy seja à sua mulher doente, uma verdade tão horrenda faria com que fosse impossível ele continuar a amá-la.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller_editora
f topseller.ed
penguinlivros

ISBN: 978-989-596-322-5



9 789895 963225